

## Prefácio

### Nove Décimos da Humanidade

A experiência de bem-estar das nações é extremamente breve. Quase todas elas, ao longo da história, foram muito pobres.

John Kenneth Galbraith, *A Sociedade da Abundância*, 1958<sup>1</sup>

Em tal Sorte de Miséria, que consente alguns, mas muito poucos Lenitivos, nove Partes em dez de toda a Raça Humana vivem uma Vida de penúria.

Edmund Burke, *A Vindication of Natural Society*, 1756<sup>2</sup>

A ideia de que a humanidade poderia dominar a necessidade económica — governando as condições materiais em vez de se ver por elas reduzida à servidão — é tão nova que não a podemos encontrar, por exemplo, em Jane Austen.

Consideremos a opulência do mundo georgiano em que viveu a autora de *Orgulho e Preconceito*. Como cidadão de um país cuja riqueza «excitava a maravilha, a admiração e talvez a inveja do mundo», a sua vida coincidiu com os triunfos obtidos sobre a superstição, a ignorância e a tirania a que damos o nome de Luzes Europeias<sup>3</sup>. Nasceu na «média condição» [*«middle ranks»*] da sociedade inglesa, num tempo em que «médio» significava o contrário do corrente ou do típico. Por comparação com o Mr. Bennett de *Orgulho e Preconceito* ou até mesmo com a infortunada Ms. Dashwood de

1 John Kenneth Galbraith, *The Affluent Society*, Boston, Houghton Mifflin, 1958.

2 Edmund Burke, «A Vindication of Natural Society: Or, a View of the Miseries and Evil Arising to Mankind from Every Species of Artificial Society, In a Letter to Lord\*\*\* by a Late Noble Writer, 1756», *Writings and Speeches*, Nova Iorque, Little Brown and Co., 1901, p. 59.

3 Patrick Colquhoun, *A Treatise on the Wealth, Power, and Resources of the British Empire*, Londres, Jay Mawman, 1814 (1812), p. 49.

*Sensibilidade e Bom Senso*<sup>4</sup>, os recursos dos Austens estavam longe da abundância. Todavia, os seus rendimentos de 210 libras anuais eram superiores aos de 95 por cento das famílias inglesas da época<sup>5</sup>. A despeito da «economia vulgar» a cuja prática Jane Austen se via obrigada a fim de prevenir «o aperto, a privação e a ruína»<sup>6</sup>, os membros da sua família eram proprietários, dispunham de tempo livre, podiam escolher uma carreira, faziam estudos, tinham à sua disposição livros, papel de escrever e jornais. Nem Jane nem a sua irmã Cassandra se viam forçadas a desempenhar funções de governantas em casas alheias — essa sorte assustadora que estará reservada a Jane, a rival de Emma — ou a casar com homens que não amassem.

O abismo que separava as Austens das chamadas condições inferiores era, nas palavras de uma biógrafa, «absoluto e indiscutível»<sup>7</sup>. O filósofo Edmund Burke denunciou a desgraça dos mineiros, que «mal chegam a ver a Luz do Sol; ficam enterrados nas Entranhas da Terra, levando a cabo um Labor rigoroso e desolado, sem a mais pequena Perspectiva de se verem livres dele; subsistem graças às Rações piores e mais grosseiras; vêem a sua Saúde miseravelmente estropiada, e encurtada a sua Vida»<sup>8</sup>. No entanto, tendo em conta os seus padrões de vida, mesmo estes «desgraçados infelizes» eram os relativamente afortunados.

O inglês *típico* era um jornaleiro agrícola<sup>9</sup>. Segundo o historiador económico Gregory Clark, as suas condições de vida não eram muito melhores do que as de um escravo romano. Vivia numa casa de uma só divisão, escura e cheia de fumo, que compartilhava noite e dia com a mulher, os filhos e os animais; a única fonte de calor era a lareira suja e alimentada a lenha da cozinha; dispunha somente de uma muda de roupa; contava apenas com os seus pés para se deslocar; os seus únicos prazeres eram os da sexualidade e os da caça furtiva; não tinha assistência médica e era muito provavelmente analfabeto. Os seus filhos encarregavam-se de tratar das vacas ou de espantar os corvos até terem idade suficiente para «servir».

4 James Heldman, «How Wealthy is Mr. Darcy — Really? Pound and Dollars in the World of *Pride and Prejudice*», *Persuasions*, Jane Austen Society, pp. 38-39.

5 Os cálculos do autor baseiam-se nos dados fornecidos por Colquhoun, *Wealth, Power, and Resources*; Harold Perkin, *The Origins of Modern British Society*, Londres, Routledge, pp. 20-21; e Roderick Floud e Paul Johnson, *Cambridge Economic History of Modern Britain*, Cambridge, Cambridge University Press, 2004, p. 92.

6 Jane Austen a Cassandra Austen, *Jane Austen's Letters*, Deirdre le Fay (ed.), Oxford, Oxford University Press, 1995, e Anónimo, *How to Keep House! Or Comfort and Elegance on 150 to 200 a Year*, Londres, James Bolaert, 1835, 14.<sup>a</sup> ed.

7 Claire Tomalin, *Jane Austen. A Life*, Nova Iorque, Knopf, 1997.

8 Burke, *Vindication*, p. 59.

9 Gregory Clark, *A Farewell to Alms: A Brief Economic History of the World*, Princeton, Princeton University Press, 2009.

Quando os tempos eram bons, a sua alimentação continuava a ser a mais grosseira: trigo e cevada sob a forma de pão ou de papa. Até mesmo as batatas eram um luxo que escapava ao seu alcance («São muito boas para vós, os donos da terra, mas são horrivelmente más de cultivar», dizia uma camponesa à mãe de Jane Austen<sup>10</sup>). Clark calcula que o jornalista agrícola britânico consumia apenas uma média de mil e quinhentas calorias diárias, um terço menos do consumo dos membros das actuais tribos de caçadores-recolectores da Nova Guiné ou da Amazónia<sup>11</sup>. Além de sofrer de fome crónica, as enormes flutuações do preço do pão expunham-no ao risco da morte por inanição. As taxas de mortalidade do século XVIII reflectiam claramente os efeitos das más colheitas e da inflação dos períodos de guerra<sup>12</sup>. E contudo, o inglês típico tinha melhor sorte do que o seu congénere francês ou alemão, e Burke podia asseverar aos seus leitores ingleses que esta «escravatura com todas as suas infâmias e horrores que temos no país nada é por comparação com o que da mesma natureza o resto do mundo produz»<sup>13</sup>.

Reinava a resignação. O comércio e a Revolução Industrial tinham aumentado a riqueza da Grã-Bretanha, como o filósofo escocês Adam Smith predissera em *A Riqueza das Nações*, em 1776. No entanto, até mesmo os observadores mais informados pelas Luzes admitiam a possibilidade de evitar a condenação divina da massa da humanidade à pobreza e «ao labor doloroso (...) todos os dias da tua vida». A posição de cada um era fixada pela Divindade ou pela natureza. Quando um criado ou uma criada fiel morria, dizia-se em seu louvor que tinha «cumprido os deveres da Posição na vida que aprovou a Deus atribuir-lhe neste mundo»<sup>14</sup>. O reformador georgiano Patrick Colquhoun teve de precisar, na introdução à sua radical proposta de facultar o acesso à educação dos filhos dos pobres, que a sua ideia não era que aqueles «deveriam ser educados de uma maneira que elevasse os seus espíritos acima da posição que estão destinados a observar na sociedade», porque era necessário evitar que «os destinados às ocupações laboriosas e a uma situação inferior na vida» comessem a sentir-se insatisfeitos<sup>15</sup>.

No mundo de Jane Austen, cada um sabia que lugar lhe cabia ocupar, e ninguém pensava em pô-lo em questão.

\* \* \*

10 James Edward Austen Leigh, *A Memoir of Jane Austen*, Londres, Richard Bentley & Son, 1871, p. 13.

11 Clark, *A Farewell to Alms*.

12 Robert Giffen, *Notes on the Progress of the Working Classes (1883) and Further Notes on the Progress of the Working Classes, Essays in Finance*, Londres, Putnam & Sons, 1886, p. 419.

13 Burke, *Vindication*, p. 60.

14 Tomalin, *Jane Austen*, p. 96.

15 Patrick Colquhoun, *A Treatise on Indigence*, Londres, J. Hatchard, 1806.

Passados somente cinquenta anos sobre a sua morte, esse mundo tornara-se já irreconhecível. Não se tratava apenas do «extraordinário progresso da riqueza, do luxo e do refinamento do gosto»<sup>16</sup>. Ou da melhoria sem precedentes das condições que tinham feito considerar a situação irremediável. Robert Giffen, investigador em estatística, considerava, no final do período vitoriano, necessário lembrar ao seu público que, nos tempos de Jane Austen, os salários eram duas vezes inferiores e que «as fomes periódicas eram, na realidade, a condição das massas dos trabalhadores em todo o reino, há cinquenta anos (...)»<sup>17</sup>. Sentia-se agora a ação de uma corrente que fazia mover-se o que, através dos tempos, parecia fixo e congelado. A questão já não era a de saber se as circunstâncias poderiam mudar, mas em que medida, a que ritmo e a que custo mudariam. Sentia-se que as mudanças não dependiam do acaso nem eram uma questão de boa ou má sorte, mas o resultado das intenções, da vontade e dos conhecimentos humanos.

A ideia de que o homem é uma criação das suas circunstâncias, e de que estas circunstâncias não são predeterminadas, imutáveis, ou profundamente indiferentes à ação humana, é uma das descobertas mais radicais de todos os tempos. Punha em causa a concepção da existência segundo a qual a humanidade se encontrava submetida aos ditames de Deus e da natureza. Implicava que, com novos instrumentos, a humanidade estava à altura de transformar o seu próprio destino. Incitava à esperança e à actividade, contra o pessimismo e a resignação. Antes de 1870, a economia tratava principalmente do que não era possível fazer-se. A partir de 1870, passou a tratar sobretudo do que poderia ser feito.

«O desejo de pôr nas mãos da humanidade as rédeas do seu destino é a mola principal da maior parte do estudo da economia», escreveu Alfred Marshall, o pai da moderna teoria económica. As possibilidades económicas — por oposição às espirituais, políticas ou militares — conquistaram a imaginação dos seres humanos comuns. Os intelectuais vitorianos sentiam-se obcecados pela ciência económica e um número enorme de entre eles aspirava a produzir uma obra maior na sua área. Inspirados pelos progressos registados nas ciências naturais, dedicaram-se a conceber um instrumento que lhes permitisse investigar esse «mecanismo social tão engenhoso e potente», que estava a criar não só uma riqueza material sem paralelo, mas também uma igual riqueza de novas oportunidades. Em última análise, a nova economia viria a transformar a vida de todos os habitantes do planeta.

\* \* \*

16 Leigh, *A Memoir of Jane Austen*, p. 13.

17 Giffen, p. 379.

Mais do que uma história do pensamento económico, o livro que o leitor tem nas suas mãos é a história de uma ideia que nasceu na idade de ouro que precedeu a Primeira Grande Guerra, e que teve de enfrentar a prova de duas guerras mundiais e dos anos catastróficos que as separaram, marcados pela ascensão do totalitarismo e pela Grande Depressão — para ressuscitar nessa segunda idade de ouro em que viria a transformar-se o segundo pós-guerra.

Alfred Marshall chamava à economia moderna um *Organon*, palavra grega antiga que significa ferramenta, para indicar que, mais do que um corpo de verdades, era um «mecanismo de análise», útil na investigação da verdade, e também, como o próprio termo sugere, um utensílio, que nunca seria perfeito, requerendo constantemente melhoramentos, adaptações e inovações. Um dos seus discípulos, John Maynard Keynes, considerava a economia um «aparelho mental», que, como qualquer outra ciência, se revelava de essencial importância para analisarmos o mundo moderno e explorarmos da melhor maneira as suas possibilidades.

Os protagonistas que escolhi contribuíram decididamente para transformar a teoria económica num instrumento racional. Escolhi homens e mulheres com «as cabeças frias, mas os corações quentes»<sup>18</sup> que contribuíram para a construção do «mecanismo» de Marshall e inovaram o «aparelho» de Keynes. Escolhi figuras cujos temperamento, experiência e génio os conduziram, em resposta às condições do tempo e do lugar que foram os seus, a fazer novas perguntas e a propor novas respostas. Escolhi figuras da história da economia de diferentes tempos e lugares: da década de 1840, em Londres, aos princípios do século XXI, em Calcutá. No caso de cada uma delas, tentei compreender o que a figura considerada via quando observava o mundo, e compreender o que a movia, a fazia interrogar-se e a inspirava. Todos os pensadores a que me refiro procuravam ferramentas intelectuais que pudessem contribuir para resolver aquilo a que Keynes chamou «o problema político da humanidade, ou seja, o do modo de combinar três coisas: a eficiência económica, a justiça social e a liberdade individual»<sup>19</sup>.

Como explicava Roy Harrod, o primeiro dos biógrafos de Keynes, este era um Proteu que considerava os artistas, os escritores, os coreógrafos e os compositores que lhe eram queridos como «os zeladores da civilização». Aspirava, para os pensadores da economia como ele próprio, um papel

18 Alfred Marshall, *The Present Position of Economics: An Inaugural Lecture*, 1885, p. 57.

19 John Maynard Keynes, «Economic Possibilities for our Grandchildren», *Essays in Persuasion*, Londres, Macmillan, 1931, p. 344.